

Educação e literatura: Voltaire e a função educadora dos textos literários*

Christine Arndt de Santana

Núcleo de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, 49100-000, São Cristóvão SE, Brasil

christine10@bol.com.br

(Recebido em 30 de janeiro de 2007; aceito em 28 de setembro de 2007)

O objetivo deste trabalho é apresentar o projeto de pesquisa, em andamento no Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, orientado pelo Prof. Dr. Edmilson Menezes, que versa sobre a função educadora dos textos literários do filósofo François-Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire. Os objetivos da pesquisa são: Identificar a tarefa educativa da literatura no século XVIII a partir de textos voltairianos; compreender o vínculo entre educação e literatura na Ilustração; mostrar a função educadora da literatura voltairiana; entender expressões literárias, o panfleto e o romance, por exemplo, como instrumento a serviço da educação em Voltaire.

Palavras-chave: Voltaire; educação; literatura

The goal of this work is to present the project of research, in progress at the Nucleus of Post Graduation in Education of the Federal University of Sergipe, guided by Prof. Dr. Edmilson Menezes, who turns on the function of educator of the literary texts of the philosopher François-Marie Arouet, known as Voltaire. The objectives of the research are: To identify the educative task of literature in XVIII century from Voltaire's texts; to understand the links between education and literature in the Illustration; to show the educator function of Voltaire's literature; to understand literary expressions, the pamphlet and the romance, for example, as instruments in service of education in Voltaire.

Keywords: Voltaire; education; literature.

O objetivo deste texto é apresentar o projeto de pesquisa, em andamento no Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, que versa sobre a função educadora dos textos literários do filósofo François-Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire. Os objetivos da pesquisa são: Identificar a tarefa educativa da literatura no século¹ XVIII a partir de textos voltairianos; compreender o vínculo entre educação e literatura na Ilustração; mostrar a função educadora da literatura voltairiana; entender expressões literárias, o panfleto e o romance, por exemplo, como instrumentos a serviço da educação em Voltaire.

O único caminho para identificar a tarefa educativa da literatura no século XVIII a partir de textos voltairianos é a leitura. Contudo, não é a partir de qualquer leitura que se é possível atingir o objetivo que a pesquisa pretende, mas apenas aquela na qual se percebe a trajetória do pensamento do autor de modo a compreender sua ordem argumentativa, sua ordem das razões. Este é o único meio de efetuar uma interpretação precisa dos escritos literários de Voltaire como fim de identificar neles sua função educativa. Esta será uma pesquisa bibliográfica na qual se adota a perspectiva interpretativa-hermenêutica, aqui entendida como busca dos nexos argumentativos e das estruturas lógicas dos textos. O mesmo procedimento metodológico será utilizado para a leitura de outros escritos que subsidiarão a compreensão acerca do tema tratado.

A Ilustração francesa é um movimento de idéias bastante estudado pelos pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Contudo, há lacunas interpretativas nas pesquisas sobre o século XVIII na França que necessitam ser preenchidas. Dois pontos merecem o destaque da tradição crítica acerca desse período: o vínculo entre educação e literatura e o caráter

¹ É importante explicar que o termo "século", utilizado neste trabalho, não representa, necessariamente, um período de cem anos, uma vez que a denominação dada ao "Século XVIII" francês (Ilustração), corresponde às mudanças de mentalidade ocorridas na Europa, especificamente na França, que são devedoras, também, de autores de períodos anteriores ao XVIII, como é o caso de Locke, Newton, Bacon, e outros. A palavra "século" é utilizada com um propósito didático, para determinar marcos temporais, facilitando, assim, os estudos, as pesquisas.

“educador” das obras de Voltaire, possivelmente o maior representante desse movimento na França.

Muito foi dito pelos comentadores acerca da relação entre literatura e filosofia no século XVIII. Porém, a investigação que trata do laço que liga literatura e educação, ou seja, a função educadora da produção literária naquele período, não encontra, entre os interpretes da Ilustração, a mesma quantidade de referências.

Quanto a Voltaire, embora seja, talvez, o mais célebre autor da Ilustração francesa, sua obra merece receber, dos estudiosos desse período, uma atenção maior acerca da relação Educação e Literatura. Portanto, a investigação que esta pesquisa pretende acerca da relação, no século XVIII francês, entre educação e literatura e sobre a função educadora dos textos de Voltaire, atribui-lhe um caráter original e motivará a sua realização. Outro traço da motivação encontra-se na importância da literatura para a educação: o vínculo imprescindível entre educação e literatura se dá justamente por conta da urgência em estabelecer a autonomia necessária para que o homem possa raciocinar livremente e chegar, de maneira corajosa e audaciosa, à verdade. Através da literatura, usada como meio de propagar os ideais ilustrados, tem-se um veículo eficaz para a formação, a instrução, a educação do indivíduo. E, como afirmou Auerbach, o mestre em utilizar-se desse instrumento propagandístico para educar foi Voltaire.

Para tanto, torna-se necessário expor o que foi o movimento ilustrado, com o propósito de esclarecer qual era o projeto que a Ilustração, representada aqui pelo pensamento voltairiano, possuía. O que interessava a Voltaire era educar através de seus textos literários, torná-los eficazes, no sentido de instruir, educar quem os lessem. Portanto, a obra desse filósofo está a serviço de suas intenções pedagógicas, a serviço do projeto que a Ilustração traçou para o gênero humano.

O primeiro período da história que se autodefine^{II} é o século XVIII. Foucault, em seu artigo *Qu'est-ce que les Lumières*^{III}, defende a idéia de que o opúsculo escrito por Kant^{IV} no periódico alemão *Berlinische Monatschrift* em novembro de 1784, com a intenção de responder à questão “O que é a Ilustração?”, inaugura a filosofia como ontologia do presente. Ou seja, segundo Foucault, a tradição filosófica anterior a Kant pensava o presente de três formas diferentes: como pertencente a uma certa idade do mundo; como o que possui características anunciadoras de um futuro; e como período de transição na direção da aurora do novo mundo. A partir de Kant, especificamente neste artigo, o presente passa a ser o possuidor de uma diferença: a Ilustração é definida de forma negativa (Kant diz o que ela não é) e representa uma saída, uma solução, um processo que liberta o homem do seu estado de menoridade^V.

A Ilustração tinha como características, entre outras, a autonomia da razão, a valorização do homem. Segundo Souza, este foi

[...] um movimento de idéias que se difundiu no século XVIII, em vários países da Europa. Caracterizou-se pela defesa da autonomia da razão em face dos argumentos tirados da autoridade e da tradição. [...] a razão deve penetrar em todos os domínios do saber da atividade humana, para destruir os preconceitos, que são frutos da ignorância e do obscurantismo. Assim, a filosofia ilustrada assume uma atividade crítica em relação à tradição cultural, religiosa e institucional^{VI}.

É uma época em que o homem deve buscar sair da heteronomia. No texto *Resposta à pergunta: Que é o Esclarecimento?*^{VII}, Kant afirma serem a preguiça e a covardia responsáveis

^{II} Assegura Hazard: “A luz, as luzes, era a divisa que escreviam em seus estandartes pois, pela primeira vez, uma época escolhia seu próprio nome. Começava o século das luzes [...]” (HAZARD, Paul. **O pensamento europeu no século XVIII**. Tradução Carlos Grifo Babo. Lisboa: Presença, 1989. p. 39-40).

^{III} FOUCAULT, Michel. *Qu'est-ce que les Lumières?* In: **Revue Magazine Littéraire**. nº 309, abril, 1993.

^{IV} KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento” (Aufklärung)?* In: **Textos Seletos**. Tradução Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1990.

^V Kant a define como a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. (Cf.: KANT, Immanuel. p. 100).

^{VI} SOUZA, Maria das Graças de. **Voltaire: a razão militante**. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção “Logos”). p. 06.

^{VII} Cf.: KANT, Immanuel. Op. cit.. p. 100.

por levar o homem a fugir do esclarecimento. A preguiça faz com que se ache mais cômodo ser heterônomo, dependente de outrem, menor. A covardia é, assim como a preguiça, um entrave ao pensar autônomo. O homem transfere para outrem as responsabilidades de sua existência quando não supera tais entraves (a preguiça e a covardia) à autonomia. Para Hazard tal é o papel da razão:

[...] em presença do obscuro, do duvidoso, lança-se ao trabalho, julga, compara, utiliza uma medida comum, descobre, pronuncia-se. Não há função mais alta do que a sua, pois está encarregada de revelar a verdade, de denunciar o erro. Da razão depende toda a ciência e toda a filosofia^{VIII}.

Porém, a Ilustração, não deve ser vista como um período homogêneo. Salinas Fortes afirma que ao se estudar o século XVIII, deve-se estar ciente de que ele não é uma doutrina sistemática “[...] susceptível de ser exposta como um todo uno e coerente. [...] nos encontramos diante de uma multiplicidade de pontos de vista doutrinários heterogêneos [...]”^{IX}. A única aproximação existente entre os pensadores ilustrados se dá “[...] em virtude da participação em uma empreitada comum [...], ou em uma mesma atmosfera cultural”^X. Essa participação conjunta dos ilustrados, mesmo estes sendo filósofos com divergências de pensamento, em prol de um objetivo maior, é assim descrita por Menezes:

[...] mais do que uma reunião espontânea, autores tão diversos estão assim agrupados porque metas grandiosas precisam da coesão mínima para serem alcançadas. Tais metas começam a se formar no seio da intelectualidade ilustrada, a qual busca estabelecer uma harmonia entre objetivos e pensamentos, e têm endereço certo: formar a opinião pública contra a paralisia e as trevas do passado^{XI}.

O ponto comum entre eles é: não há como pensar o progresso sem a instrução. Estes filósofos defendem a idéia de que a mola propulsora da história é a educação. Ela é a responsável por tornar o homem um ser digno e esclarecido. A Ilustração, também conhecida como um período de intensa preocupação com a educação foi o “[...] século que lançou a maior parte dos temas que se impõem ao debate pedagógico até nossos dias”^{XII}, tinha um ideal de educação que rompia com a tradição.

A educação medieval formava os homens para a Igreja; o humanismo clássico forma os jovens para eles mesmos e para o mundo, para a classe privilegiada, a classe ociosa, à qual eles pertencem, conforme as normas de um estetismo que negligencia as coisas materiais. O sistema de valores próprio à idade das Luzes condena este ideal pedagógico vagamente contemplativo, especulativo e, sobretudo, desocupado. [...] Os temas do utilitarismo e da filantropia conjugam-se para repudiar o humanismo estetizante do ensino tradicional, e o egoísmo de classe do qual ele é expressão. Não se trata mais em preparar os espíritos cultivados capazes de brilhar na boa sociedade, mas cidadãos úteis, suscetíveis de contribuir à empreitada coletiva da civilização^{XIII}.

A preocupação dos filósofos ilustrados era em formar o ser humano, e não formar o homem, o indivíduo, um ornamento para a sociedade^{XIV}. O objetivo da Ilustração diz respeito à função educativa que o intelectual tinha, ou seja, sua intervenção direta na sociedade. O intelectual moderno caracteriza-se por possuir uma autonomia e um papel social mais incisivo e

^{VIII} HAZARD, Paul. Op. cit.. p. 36.

^{IX} FORTES, Luiz Roberto Salinas. **O iluminismo e os reis filósofos**. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção “Tudo é História”). p. 14.

^X Id.

^{XI} MENEZES, Edmilson. **História e Esperança em Kant**. São Cristóvão: Editora UFS, Fundação Oviêdo Teixeira, 2000. p. 138.

^{XII} GUSDORF, Georges. De l’utopie a la réalité. In: **L’avènement des sciences humaines au Siècle des Lumières**. Paris: Payot, 1973. p. 156. Este autor chama o século XVIII de “Século da Pedagogia”.

^{XIII} GUSDORF, Georges. Le fin de l’éducation. In: GUSDORF, Georges. Op. cit.. p. 115.

^{XIV} Sobre este aspecto, ver: HAZARD, Paul. Op. cit. p. 183-190.

dinâmico^{XV}. Sua influência na sociedade será determinante para que o projeto pedagógico-civilizatório do movimento ilustrado concretize-se.

Nesse contexto social e político, mas também econômico e jurídico, deve ser sublinhada [...] a nova fisionomia assumida pelo intelectual: o seu papel sócio-político, a sua identidade cultural, a sua função pública, que o delinearão como uma figura central nos séculos seguintes e o caracterizarão cada vez mais no sentido educativo. Voltaire e Diderot, [...] são os modelos mais explícitos desse novo tipo de intelectual. Eles usam a pena como uma arma, para atacar preconceitos e privilégios, para denunciar intolerâncias e injustiças, [...] O intelectual torna-se mediador entre sociedade e poder, adquire maior autonomia, sua presença é ativa no âmbito social, muito ativa até, ele se põe como consciência crítica de toda a vida social e sua produção cultural adquire uma função de guia em toda a sociedade civil e até mesmo em relação ao Estado, nos momentos mais favoráveis^{XVI}.

Deve-se ensinar o homem a raciocinar por si mesmo e, neste sentido, os intelectuais tiveram muita importância neste processo para retirar os homens da menoridade. Contudo, busca-se, na Ilustração, uma educação cosmopolita:

O cosmopolitismo das Luzes é a afirmação de um patriotismo “com relação à sociedade geral”, à humanidade em seu conjunto. A laicização do ensino se impõe porque se trata de formar os cidadãos do mundo, e não os fiéis de tal ou tal seita particular cristã que seria ainda apenas uma parte da comunidade humana. A humanidade é uma realidade de direito natural anterior, de direito e de fato, às revelações religiosas. E por isso o poder civil deve ter a autoridade [la haute main] sobre a educação, mas o Estado ensinando não deve fechar a juventude no horizonte limitado da comunidade nacional; ele deve desenvolver em cada um de seus alunos o sentido da dependência à grande família humana^{XVII}.

Essa busca pela educação cosmopolita, essa preocupação com a instrução da humanidade, encontra em Hazard uma interpretação que acrescenta às funções da literatura, que serão expostas posteriormente, uma nova: estreitar as relações sociais.

Outras épocas interessar-se-ão pelo que há de incomunicável no indivíduo; esta interessa-se pelo que ele tem de comum com seus irmãos. Crê que a semelhança entre os homens provém da natureza, que a diferença provém dos costumes, e que a superioridade da natureza sobre o costume se manifesta pelo simples direito de anterioridade [...]. *Estreitar os laços sociais é uma das funções da literatura*^{XVIII}.

Como as obras literárias têm “[...] uma função social, ou ‘uso’, que não pode ser puramente individual [...]”^{XIX}, elas são escritas para a humanidade. Quando um escritor debruça-se sobre sua escrivinha na intenção de produzir qualquer tipo de texto literário, ele está interessado em criar um mundo ficcional que sirva como modelo e que a partir dele, deste mundo fictício, todo o gênero humano possa extrair, desta experiência estética (a leitura da obra literária), um exemplo, um ensinamento. Starobinski, em seu texto Luzes e poder em “A Flauta Mágica”, também trata deste aspecto. Assim ele resume essa idéia, a saber, a de que a literatura possui uma função social que a torna coletiva e não puramente individual: “O mito do progresso humano, que vem à luz nesse momento preciso, transfere para o destino coletivo a promessa de liberdade que o romance de educação limita ao devir de um indivíduo”^{XX}.

^{XV} Cf.: CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1999. (Coleção “Encyclopaedia”). p. 323-324.

^{XVI} Ibid. p. 324-325. (grifo nosso).

^{XVII} GUSDORF, Georges. Le fin de l’éducation. In: GUSDORF, Georges. Op. cit. p. 119.

^{XVIII} HAZARD, Paul. Op. cit. p. 220. (grifo nosso).

^{XIX} WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Tradução Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção “Leitura e Crítica”). p. 113.

^{XX} STAROBINSKI, Jean. O fuzil de dois tiros de Voltaire. In: **As máscaras da civilização**. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 139. Este “momento preciso” ao qual o autor quer chamar a atenção é o século XVIII.

Com isso, destaca-se o ideal racional pedagógico da arte, no século XVIII. O romance de educação ou de formação, que segundo Bakhtin diferencia-se da maioria dos outros tipos de romance por não apresentar apenas a personagem pronta, vivendo os fatos corriqueiros do cotidiano como em qualquer romance de ficção e sim por ter como princípio de organização “[...] a idéia puramente pedagógica de educação do homem”^{XXI}, apesar de mostrar a formação de um único personagem no desenrolar de sua trama, é transferido para o destino coletivo a partir do momento em que é publicado e passa, quando o romance de educação é levado ao encontro com a sociedade, a ter uma tarefa que representa muito bem o ideal pedagógico-civilizatório da Ilustração: instruir o gênero humano, através do exemplo, já que a literatura não pode ser puramente individual, uma vez que ela tem uma função social a cumprir.

Os pensadores desse período tinham um objetivo: “[...] intervir nos acontecimentos e desenvolver uma intensa atividade *pedagógica e civilizatória*”^{XXII}. O projeto ilustrado tinha como pressupostos: a divulgação das idéias através de textos literários e a confiança no poder desses recursos na formação dos homens. A literatura é a um só tempo, uma arma de combate e divulgação de idéias e um canal para educar os homens. A arte é social, pois há a intenção de formar a opinião pública, formar o ser humano. Montesquieu ao se utilizar do gênero literário e juntá-lo à filosofia, não pôs em prática uma idéia nova na tradição filosófica, mas justificou o porquê do uso da literatura como veículo para difundir as verdades morais, responsáveis também pela educação, pela criação do caráter do homem. E, sua justificativa é dada de forma romanciada, uma vez que é através da fala de Usbek – protagonista do romance epistolar *Cartas Persas* – que Montesquieu responde à pergunta: por que um filósofo escreve um romance?

Para cumprir o que me solicitais, não considere que devesse recorrer aos arrazoados mais abstratos: com certas verdades, não basta persuadir; é preciso, além disso, fazer sentir. São dessa espécie as verdades morais. Talvez esta passagem de história te afete mais do que uma filosofia sutil^{XXIII}.

Segundo Matos, a aliança entre razão e fábula, *lógos* e *mythos*, é a chave para se entender a “[...] mais espantosa diversificação da expressão filosófica que jamais se conheceu [...]”^{XXIV}: a Ilustração. A filosofia não fica restrita ao tratado rigoroso, estende-se ao gênero literário, atestando que a “[...] filosofia não deve ser uma controvérsia entre especialistas, mas intervenção nos destinos da cidade, na vida e na felicidade dos homens”^{XXV}. Portanto, a arte servirá como uma estratégia para incentivar a instrução, para instaurar a autonomia da razão.

De acordo com Wellek e Warren, a literatura possui funções: uma delas gira em torno da sua utilidade, do seu uso para educar, formar o homem. Esta função instrutiva da literatura é a que importa para a Ilustração. Ela, a literatura, além de formular e expressar o que quer comunicar tem como objetivo “[...] influenciar a postura do leitor, persuadi-lo e, por fim, modificá-lo”^{XXVI}. Para estes autores, “o elemento pragmático, leve na poesia pura, pode ser grande em um romance com um propósito ou em *um poema satírico ou didático*”^{XXVII}. Voltaire é um exemplo dessa afirmação. Este “elemento pragmático” é o que faz dos escritos literários um instrumento educativo. Além dos romances, contos, peças de teatro, este filósofo escreveu um poema intitulado *Poème sur le desastre de Lisbonne*, no qual, de forma muito satírica, faz uma crítica severa ao axioma “Tudo está bem”, que estava em voga no século XVIII^{XXVIII}. Esta sátira feita em forma de poema tem o objetivo de esclarecer a todos o perigo moral que o “Otimismo”

^{XXI} Cf.: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção “Biblioteca Universal”). p. 218.

^{XXII} FORTES, Luiz Roberto Salinas. Op. cit.. p. 28 (grifo nosso).

^{XXIII} MONTESQUIEU. **Cartas Persas**. Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Nova Alexandria, 2005. p. 26.

^{XXIV} MATOS, Franklin de. Filosofia em forma de romance. In: **O filósofo e o comediante**. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 196.

^{XXV} Ibid. p. 197.

^{XXVI} Cf.: WELLEK, René; WARREN, Austin. Op. cit.. p. 15.

^{XXVII} Id. (grifo nosso).

^{XXVIII} Por conta da doutrina do “Otimismo” divulgada na obra de Leibniz, no século XVII, e por Wolf e Pope no século precedente.

representa^{XXIX}. Esta preocupação em instruir os leitores através de textos literários mostra o grande “elemento pragmático” que a literatura contém.

O pragmatismo da arte, neste caso, da literatura, não é inédito até o século XVIII. A Ilustração não é a precursora desta tão importante função das obras literárias. Para o poeta romano Horácio, a poesia é *dulce e utile*. Utilizando-se desse binômio, Wellek e Warren desenvolvem a seguinte tese: a poesia é considerada um prazer (análoga a qualquer outro prazer) e instrui (de forma análoga a qualquer livro didático)^{XXX}. Então, uma descrição feita sobre a função da arte, da literatura, deve fazer justiça, simultaneamente, ao *dulce* e ao *utile*. Para que uma obra literária obtenha sucesso “[...] as duas ‘notas’ de prazer e utilidade não devem meramente coexistir, mas fundir-se”^{XXXI}. Os autores assim resumem:

Quando nos dizem que a poesia é ‘brincadeira’, divertimento espontâneo, sentimos que não se faz justiça nem ao cuidado, à perícia e planejamento do artista nem à seriedade e importância do poema; quando nos dizem, porém, que a poesia é ‘trabalho’ ou ‘ofício’, sentimos a violência feita à sua alegria e ao que Kant chamou de sua ‘falta de propósito’. Devemos descrever a função da arte de uma maneira que faça justiça ao *dulce* e ao *utile*. [...] ‘útil’ é equivalente a ‘que não é perda de tempo’, algo que merece atenção séria. ‘Doce’, é equivalente a ‘não aborrecimento’, ‘não dever’, ‘sua própria recompensa’^{XXXII}.

Investigar a função literária das obras de Voltaire sem estes conceitos torna-se inviável, pois atribuir uma função educativa à literatura, sem que se leve em consideração os conceitos utilizados por Horácio, para designar o que seja poesia, é dizer que a função da literatura é educar e não expressar a razão, o porquê desta sua função; como a literatura se propõe, a um só tempo, emocionar, através da arte, e educar, através dos valores morais que são transmitidos. A intenção pedagógica de Voltaire é atribuir à sua arma de combate (a literatura) uma função que faça justiça tanto ao *dulce* quanto ao *utile*. Wellek e Warren apropriam-se destes dois conceitos, fazendo com que estes justifiquem a utilidade, seriedade e a função instrutiva que a literatura possui:

O prazer da literatura, precisamos assinalar, não é uma preferência entre uma longa lista de possíveis prazeres, mas um ‘prazer superior’ porque é prazer em um tipo superior de atividade, isto é, a contemplação não aquisitiva. E a *utilidade – a seriedade, a instrução* – da literatura é uma seriedade prazerosa, isto é, não é a seriedade de um dever que deve ser feito ou de uma lição a ser aprendida mas uma seriedade estética, uma seriedade da percepção^{XXXIII}.

De acordo com Reuter, “[...] às vezes até, em uma literatura de ‘idéias’, engajada ou didática, a narrativa lá se encontra apenas para ilustrar, ‘fazer passar’ este material nocional”^{XXXIV}. A literatura ensina pelo exemplo. O próprio Voltaire afirmara que a consciência do homem é inspirada também pelo exemplo^{XXXV}. Quando se entra em contato com o mundo ficcional criado pelo escritor, como em todas as aventuras pelas quais Cândido passa, o leitor depara-se com inúmeros valores, atitudes, ações, que irão de uma forma ou de outra, influenciá-lo em sua vida, modificá-lo.

Modificar o leitor, transformá-lo, educá-lo, instruí-lo é a função por excelência da literatura, segundo o movimento ilustrado. A literatura não vai descobrir a verdade, o que é justo, a moral, os valores, ela vai divulgá-los. “Devemos distinguir as visões de que a arte é descoberta ou discernimento da verdade do ponto de vista de que a arte – especificamente a

^{XXIX} Estando-se no “melhor dos mundos possíveis” não é necessário que o homem aja. Ele não precisa melhorar, instruir-se, educar-se, enfim, agir.

^{XXX} Ibid. p. 24.

^{XXXI} Ibid. p. 26.

^{XXXII} Ibid. p. 24-25.

^{XXXIII} Ibid. p. 26. (grifo nosso).

^{XXXIV} REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. Tradução Ângela Bergamini *et al.*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção “Leitura e Crítica”).p. 135.

^{XXXV} Cf.: VOLTAIRE. **Dicionário filosófico**. Tradução Bruno da Ponte *et al.*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção “Os Pensadores”). p. 125. Verbete: Consciência.

literatura – é propaganda, isto é, o ponto de vista de que o escritor não é o descobridor mas o fornecedor persuasivo da verdade”^{xxxvi}.

Auerbach afirma a existência, no século XVIII, de textos a serviço do que esse autor chamou de “propaganda ilustrada”^{xxxvii}. Wellek e Warren asseguram que ao se tomar o termo “*propaganda*”, expandindo o seu conceito para que ele signifique:

[...] ‘tentativa, consciente ou não, de influenciar leitores para que compartilhem a nossa postura diante da vida’, então é plausível a afirmação de que todos os artistas são ou deviam ser propagandistas ou [...] todos os artistas sinceros, responsáveis, *são moralmente obrigados a ser propagandistas*”^{xxxviii}.

Uma forma de expressão literária que possui esses fins e que foi bastante difundida no século XVIII, sobretudo na pena de Voltaire, é o panfleto: texto escrito de forma polêmica e direta^{xxxix}. De acordo com Hazard^{xl}, a maior modificação que a literatura sofreu no século XVIII foi transformar-se em um campo de batalha para as idéias. Moisés afirma que também o romance está destinado ao compromisso visto que, por possuir uma estrutura totalizante (de um mundo ficcional), “[...] é um território fértil para o engajamento [...] facilmente se transforma em arena de combate para doutrinas polêmicas ou antagônicas”^{xli}. Para ele, nos momentos mais difíceis é que se faz importante e necessária a tarefa do romancista:

Coletando os escombros numa unidade imaginária ou dando forma à procura de soluções para a crise, o romance cumpre sua missão de restaurar o conhecimento e a fé. Em tempos amenos, [...] ao atribuir-se o papel de subversor da ordem, *transformando-se em arma de combate e de ação social*”^{xlii}.

Moisés afirma, ainda acerca do engajamento do romance, que: “[...] a arte sempre foi engajada, na medida em que nela o autor insufla um pensamento e um sentimento que, embora pessoais, representariam os padrões de certa classe ou casta social em determinado momento”^{xliii}.

Tanto Moisés quanto Wellek e Warren expõem em suas obras a recíproca influência entre literatura e sociedade. Moisés afirma que a literatura recebe influência externa, mas, sobretudo, influencia o ambiente, a sociedade: “É certo, pois, que a atividade literária *recebe* influência externa, seja do ambiente, seja das outras formas de expressão da realidade, mas é importante não esquecer que *também influencia* o ambiente em que se desenvolve”^{xliv}.

Wellek e Warren, na mesma direção, asseguram: “O escritor não é apenas influenciado pela sociedade: ele *influencia*. A arte não meramente *reproduz a vida*, mas a *modifica*. As pessoas podem moldar as suas vidas pelos padrões dos heróis e heroínas fictícios”^{xlv}.

Neste sentido, a propaganda ilustrada, difundida via as obras literárias, era um importante recurso para a formação do homem e, segundo Auerbach, o maior mestre deste tipo de

^{xxxvi} WELLEK, René; WARREN, Austin. Op. cit.. p. 32. (grifo nosso). Os autores explicam que não se deve tomar o termo “propaganda” no seu sentido pejorativo, como algo de natureza tendenciosa ou enganosa que é usada para divulgar determinada causa ou ponto de vista político, sem que se tenha compromisso com a verdade. No século XVIII, as obras foram usadas com o intuito propagandístico não pejorativo. Elas promoviam e difundiam os ideais ilustrados. É necessário esclarecer que no caso específico de Voltaire, ele é além de “fornecedor da verdade” o seu “descobridor”, pois são as suas idéias que são transmitidas em suas obras, embora isso não exclua a influência de outros autores na obra voltairiana.

^{xxxvii} AUERBACH, Erich. A ceia interrompida. In: **Mimesis**: A representação da realidade na literatura ocidental. Tradutores não nomeados. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Coleção “Crítica”). p. 359.

^{xxxviii} WELLEK, René; WARREN, Austin. Op. cit p.32. (grifo nosso).

^{xxxix} Cf.: REUTER, Yves. Op. cit.. p. 16-17.

^{xl} Cf.: HAZARD, Paul. Op. cit. p. 207.

^{xli} MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. Prosa I. São Paulo: Cultrix, 2003. p. 168.

^{xlii} Ibid. p. 165 (grifo nosso).

^{xliiii} Ibid. p. 169.

^{xliv} Ibid. p. 305.

^{xlv} Cf.: WELLEK, René; WARREN, Austin. Op. cit. p. 124. (grifo nosso).

propaganda era Voltaire^{XLVI}. Sua produção intelectual caracteriza-se, sobretudo, pelo objetivo de difundir o ideal setecentista. A maneira como Voltaire escreve, as técnicas, os artifícios retóricos que ele utiliza^{XLVII}, servem perfeitamente a essa propaganda.

A obra de Voltaire é vasta e se pretende a educar e instruir os homens. Há uma preocupação com a conduta dos indivíduos em sociedade e a literatura é um instrumento fundamental no processo instrutivo. Em uma de suas obras^{XLVIII}, Voltaire chama a atenção para a importância das artes na formação do homem, “Tornaram-se as artes respeitáveis aos olhos do povo que, precisa ser corrigido pelos grandes [...]”^{XLIX}. W, em seguida, o filósofo afirma que isso não acontece, “[...] no entanto, se regula menos por eles [os grandes] [...]”^L.

Noutra passagem desta mesma obra, ainda sobre as influências das artes, o filósofo mostra a importância de se ensinar pelo exemplo e pelos *costumes* dizendo que “Quase todos se governam, pensam e sentem por influência do costume e da educação”^{L1}. A consciência dos homens é inspirada pelo tempo e pelo exemplo^{LII}. A literatura, manifestação artística que interessa a este trabalho, cria um mundo ficcional, ou seja, modelos; transmite através de exemplos os valores morais. Valores estes que são caros para que o homem alcance a felicidade em sociedade. Felicidade que, como será explicitado posteriormente, depende não de sua condição social, mas, sim, da sua autonomia, do uso que o homem irá fazer da sua razão, em outras palavras, da sua educação.

Portanto, a ficção das obras literárias, o fato destas criarem um universo e, a partir deles, transpassar os valores, os ensinamentos, educar, faz com que a literatura seja, a um só tempo, uma arma de combate utilizada pelos filósofos ilustrados contra a tradição e um veículo eficaz para a transmissão dos valores, para a educação dos homens, com o intuito de se chegar ao ideal pedagógico e civilizatório, segundo Salinas Fortes, do movimento ilustrado.

As *Cartas Filosóficas*, obra escrita por Voltaire quando do seu exílio na Inglaterra, publicada no ano de 1734, tem como objetivos contrapor os costumes dos ingleses aos dos franceses, mostrando que há o que se elogiar e se criticar tanto na Inglaterra quanto na França. Este escrito não é, como parte da crítica afirma, um livro preocupado em criticar a França em detrimento da Inglaterra. Voltaire critica o que deve ser criticado e elogia o que deve ser elogiado em ambos os países. O que há nas *Cartas filosóficas* é uma grande preocupação com a educação dos homens. A contraposição que ocorre entre os costumes ingleses e os costumes franceses se dá como uma espécie de “pano de fundo” para que Voltaire possa afirmar, a todo instante, a preocupação com a instrução, com a formação da humanidade. Ao confrontar os dois países, ora elogiando, ora criticando, ele está, através do exemplo, instruindo, educando, mostrando como se deve e como não se deve agir.

Na primeira carta, intitulada “Sobre os Quacres”, Voltaire deixa transparecer o desejo de conhecer os costumes desses religiosos, para, a partir de então, poder estabelecer uma relação entre esta religião e a do seu país. Há, nesta carta, a vontade de se instruir em relação ao costume do outro, de se educar pelo exemplo^{LIII}. Na sétima carta, sobre os Socinianos ou

^{XLVI} AUERBACH, Erich. Op.cit.. p. 359.

^{XLVII} Tais técnicas são elencadas e podem ser assim resumidas: colocar o problema desde o primeiro momento, fazendo com que a solução que se espera já esteja na colocação; “iluminar” de maneira excessiva uma parte pequena de um todo, deixando o resto na “escuridão”, resto este que serviria de contrapeso do que foi “clareado”; simplificação dos problemas, tornando a velocidade da narrativa extremamente alta e o uso constante de comparações (Cf.: AUERBACH, Erich. Op. cit.. p. 360-362). O próprio Voltaire explica, na vigésima quinta carta da obra *Cartas Filosóficas*, que se utiliza de comparações porque esta tem como objetivo esclarecer e tornar as coisas mais sensíveis. Como Voltaire parece estar preocupado com a educação, com a divulgação de valores morais para a sociedade e suas obras servirem de difusoras do seu pensamento, ele usa o mecanismo da comparação para se fazer entender por um número maior de pessoas. Cf.: VOLTAIRE. **Cartas Filosóficas**. Tradução Bruno da Ponte *et al.*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção “Os Pensadores”).

^{XLVIII} Sobre a obra referida, *Cartas Filosóficas*, será discorrido mais detalhadamente adiante.

^{XLIX} VOLTAIRE. **Cartas Filosóficas**. Op. cit. .p. 40.

^L Id.

^{L1} Ibid. p.55. (grifo nosso).

^{LII} Ver: VOLTAIRE. **Dicionário filosófico**. Op. cit. p. 125. Verbete: Consciência.

^{LIII} Ver: VOLTAIRE. **Cartas Filosóficas**. Op. cit. .p.3-4.

Arianos ou Antitrinitários, Voltaire afirma que o homem precisa instruir-se^{LIV}. Na décima primeira carta, sobre a inoculação da varíola, o autor expõe que somente a instrução banirá a superstição e o preconceito. O filósofo diz que o homem, quando instruído, consegue discernir entre o que é bom e o que é ruim^{LV}. Essa importância dada à educação vai permear grande parte das vinte e cinco cartas que compõem a obra^{LVI}.

No *Dicionário Filosófico*, - primeiro livro de bolso da história, para facilitar sua circulação e manuseio, que fora distribuído, dentre outros lugares, em bancos de praça, para que fosse de acesso a todos, - muitos verbetes versam sobre a necessidade da educação. A própria maneira em que a obra foi preparada e veiculada é testemunha da preocupação de Voltaire em educar as pessoas. Este livro tem um propósito: criticar e ridicularizar as crenças oficiais (civis e eclesiásticas), o poder estabelecido e os costumes dos poderosos, e, instruir a humanidade. Segundo Voltaire, no prefácio que ele escreveu para uma das edições do *Dicionário*, este é um livro útil, pois, “Os livros mais úteis são aqueles que deixam espaço ao trabalho do leitor; eles entendem os pensamentos dos quais apresentamos-lhe o gérmen; eles corrigem o que lhes parece defeituoso e fortalecem pelas suas reflexões o que lhes parece fácil”^{LVII}.

No verbete “Caráter”, Voltaire afirma ser o homem perfectível. A esse respeito ele assim se expressa: “[...] podemos aperfeiçoar, burilar, esconder as virtudes e os defeitos com o que a natureza nos dotou: nada mais”^{LVIII}. Essa perfectibilidade é possível através da educação. No verbete “Consciência”, o filósofo diz que o homem possui uma disposição para receber princípios morais e estes princípios geram a nossa consciência. Voltaire, nesta parte do *Dicionário Filosófico* concorda com o pensamento lockeano, segundo o qual o homem não possui nem idéias nem princípios inatos. Em razão dessa constatação é importante que se dê ao homem uma boa educação, ou seja, que se passe da melhor maneira esses princípios morais, para que o homem possa desenvolver sua consciência da forma mais acertada possível. “Daí segue-se evidentemente precisarmos muito que nos ponham na cabeça *boas idéias e bons princípios*, desde que possamos usar a capacidade do entendimento”^{LIX}.

A nossa consciência é formada pela educação. Voltaire humaniza a consciência. “Resulta disso tudo que só temos a *consciência* que nos é inspirada pelo tempo e pelo *exemplo*, por nosso *temperamento*, por nossas *reflexões*”^{LX}. Neste mesmo verbete, o autor, ao tratar do selvagem, que não terá nenhum problema de consciência ao comer outro selvagem que lhe fora dado pelo próprio pai, expõe como fundamentos da sociedade civil a piedade e o poder de compreender a verdade.

A natureza preveniu contra esse horror dando ao homem a disposição para a piedade e o poder de compreender a verdade. Esses dois presentes de Deus são o fundamento da sociedade civil [...] pais e mães dão a seus filhos uma *educação* que logo os torna sociáveis e conscientes^{LXI}.

A preocupação de Voltaire com a educação é tamanha, que ao término do verbete “História”, ele ensina qual é o método que deve ser utilizado ao se escrever a história, ressaltando o que deve tratar o historiador em seus livros^{LXII}.

O objetivo, a finalidade de Voltaire, que está presente em todos os seus escritos é esclarecer os homens, educá-los, instruí-los. É importante chamar a atenção para o fato de que o autor das *Cartas Filosóficas* fez uso de todas as formas de expressões literárias para difundir seu pensamento, para colocar em prática o projeto pedagógico-civilizatório da Ilustração. Um exemplo disso é o seu livro *Memórias que servem à vida do Sr. de Voltaire* escritas por ele

^{LIV} Cf. Ibid. p. 11-12.

^{LV} Cf. Ibid. p. 16-18.

^{LVI} Foram destacados aqui apenas os trechos que dizem diretamente respeito ao assunto educação, instrução.

^{LVII} VOLTAIRE. Préface. In: **Dictionnaire Philosophique**. Paris: Garnier-Flammarion, 1964.

^{LVIII} VOLTAIRE. **Dicionário filosófico**. Op. cit., p. 117. Verbetes: Caráter.

^{LIX} Ibid. p. 125. Verbetes: Consciência. (grifo nosso).

^{LX} Id. (grifo nosso). Verbetes: Consciência.

^{LXI} Id. (grifo nosso). Verbetes: Consciência.

^{LXII} Ibid. p. 203-209. Verbetes: História.

mesmo, uma obra com a pseudo-intenção de descrever a sua vida, deixar para a posteridade uma autobiografia, que se insere no conjunto da sua obra e deve ser considerada um exemplo importante a ser destacado, uma vez que esta pseudo-autobiografia mostra que mesmo quando se propõe a falar de si, Voltaire, aproveitando-se das circunstâncias, combate os seus inimigos^{LXIII}, expõe o seu modo de interpretar as relações entre os homens e o mundo. *Memórias* possui intenções pedagógicas, assim como todos os textos do seu autor^{LXIV}.

Este escrito, por Voltaire não possuir um sistema de pensamento no qual seja inserido o problema acerca da educação, tem como preocupação última educar os homens, partindo dos instrumentos que o autor possui, a pena, para difundir, via literatura, o que ele realmente pensa sobre o mundo. Neste sentido, *Memórias*, mesmo indicando ser as lembranças da vida de Voltaire escritas por ele mesmo, é um veículo propangandístico utilizado para divulgar o pensamento ilustrado.

Muitas outras obras deste filósofo, como *A educação das meninas; Mulheres, sejam submissas a seus maridos; A educação de um príncipe; A apologia da Fábula; O Cândido, Tratado sobre a Tolerância* para citar apenas algumas, irão tratar, direta ou indiretamente, da importância da educação.

Comentando uma passagem de um texto voltairiano, Auerbach chama a atenção para “[...] o *ethos* educacional do grande iluminista que seria capaz de empregar a força do último suspiro para a formulação espirituosa e amável de um conhecimento”^{LXV}. Ainda de acordo com esse intérprete, há uma função didática nos escritos de Voltaire^{LXVI}. Portanto, é possível afirmar que a educação é, para Voltaire, um elemento importante em suas reflexões. Para Voltaire, não há o que não possa ser ensinado ao homem: “Ensina-se honestidade aos homens, senão poucos chegariam a tê-la [...]. Ensina-se tudo aos homens”^{LXVII}. E essa foi a tarefa de toda a sua vida.

O papel de Voltaire na Ilustração, segundo Souza, é esclarecer o homem, como fica claro em uma passagem do seu livro *Voltaire a razão militante*:

Assim, ao se propor lutar contra vários adversários, Voltaire constrói um pensamento essencialmente crítico, segundo o qual cabe à razão e à filosofia *esclarecer* os homens para que se libertem da superstição, da ignorância e da opressão. [...] a demolição efetuada por sua filosofia não é pura destruição. É feita em nome do uso esclarecido e livre da razão, único instrumento capaz de libertar os homens de tudo que os amedronta e lhes dar o conhecimento verdadeiro das coisas que são úteis ao seu *bem-estar* e *felicidade*^{LXVIII}.

Esta preocupação com a felicidade, ainda de acordo com Souza, se dá porque para Voltaire a infelicidade do homem existe por conta da heteronomia em que este (o homem) se encontra. O filósofo mesmo afirma: “Todos os homens seriam, portanto, necessariamente iguais se nada precisassem. A miséria, condição agregada à nossa espécie, subordina um homem a outro homem; não é a desigualdade que é um mal real, mas a dependência.”^{LXIX}.

A literatura, manifestação artística que interessa a este trabalho, além de criar um mundo ficcional, ou seja, modelos; transmitindo através de exemplos os valores morais, é um gênero que auxilia na divulgação destes, mesmo quando a obra em questão não é especificamente uma obra de ficção. Os valores que são passados nos textos de Voltaire são caros para que o homem alcance a felicidade em sociedade. Felicidade que, como fora dito, depende da sua autonomia, do uso que o homem irá fazer da sua razão, em outras palavras, da sua educação.

“Em diferentes períodos da história o domínio da função estética parece se expandir ou se contrair: Carta pessoal, às vezes, foi uma forma de arte, como foi o sermão [...]”^{LXX}. A

^{LXIII} Cf.: POMEAU, René. **Voltaire par lui-même**. Paris: Seuil, 1970. p. 12.

^{LXIV} Cf.: VOLTAIRE. **Memórias**. Tradução de Marcelo Coelho. Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Coleção “Lazuli”).

^{LXV} AUERBACH, Erich. Op. cit. p. 369.

^{LXVI} Ibid. p. 367.

^{LXVII} VOLTAIRE. **Cartas Filosóficas**. Op. cit. p. 54.

^{LXVIII} SOUZA, Maria das Graças de. Op. cit. p.07-08. (grifo nosso).

^{LXIX} VOLTAIRE. **Dicionário filosófico**. Op. cit. p.217. Verbete: Igualdade.

^{LXX} WELLEK, René; WARREN, Austin. Op. cit. p. 17-18.

Ilustração é um exemplo de expansão do domínio da função estética. O discurso literário usado como canal de difusão de idéias e, conseqüentemente, possuidor de um caráter pedagógico, foi responsável pela profusão de obras supostamente ingênuas – no sentido de que não possuíam o objetivo apenas de entreter o leitor, como à primeira vista parecia – que tinham como meta verdadeira educar os homens, ensiná-los os valores necessários para que eles chegassem à autonomia da razão. O intuito de Voltaire é esclarecer os homens através de uma prática que possibilite a felicidade individual e coletiva dos homens. Esta prática é a literatura, única arma que possuía, veículo utilizado pelo filósofo para divulgar seu pensamento

* Trabalho apresentado no II Encontro de Pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe.

1. AUERBACH, Erich. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. 4ª ed. Tradutores não nomeados. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Coleção “Crítica”).
2. BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção “Biblioteca Universal”).
3. CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1999. (Coleção “Encyclopaedia”).
4. FORTES, Luís Roberto Salinas. *O iluminismo e os reis filósofos*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção “Tudo é história”).
5. FOUCAULT, Michel. *Qu'est-ce que les Lumières?* In: *Revue Magazine Littéraire*. nº 309, abril, 1993.
6. GUSDORF, G.. *L'avènement des sciences humaines au Siècle des Lumières*. Paris: Payot, 1973.
7. HAZARD, Paul. *O pensamento europeu no século XVIII*. 3ª ed. Tradução Carlos Grifo Babo. Lisboa: Presença, 1989.
8. KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento” (Aufklärung)? In: *Textos Seletos*. Tradução Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1990.
9. MATOS, Franklin de. *O filósofo e o comediante*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
10. MENEZES, Edmilson. *História e Esperança em Kant*. São Cristóvão: Editora UFS, Fundação Oviêdo Teixeira, 2000.
11. MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. Prosa I. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
12. MONTESQUIEU. *Cartas Persas*. Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Nova Alexandria, 2005.
13. POMEAU, René. *Voltaire par lui-même*. Paris: Seuil, 1970.
14. REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. Tradução Ângela Bergamini et al.. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção “Leitura e Crítica”).
15. SOUZA, Maria das Graças de. *Voltaire: a razão militante*. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção “Logos”).
16. STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
17. VOLTAIRE. *Cartas filosóficas*. 2ª ed. Tradução Bruno da Ponte et al.. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção “Os Pensadores”).
18. VOLTAIRE. *Dicionário filosófico*. 2ª ed. Tradução Bruno da Ponte et al.. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção “Os Pensadores”).
19. VOLTAIRE. *Dictionnaire Philosophique*. Paris: Garnier-Flammarion, 1964.
20. VOLTAIRE. *Memórias*. Tradução de Marcelo Coelho. Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Coleção “Lazuli”).
21. WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. Tradução Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção “Leitura e Crítica”).